



33.º FITEI de 28 de Maio a 10 de Junho

Teatro ibérico sem fronteiras

Sérgio C. Andrade

● Abre e fecha com música e dança e com companhias geograficamente exteriores à expressão ibérica, mas isto não significa (pelo menos, por agora) nenhum abandono da matriz original e histórica do Festival Internacional de Expressão Ibérica (FITEI), cuja 33.ª edição vai de 28 de Maio a 10 de Junho. Trata-se, tão-só, de “colmatar o défice de programação de dança que o Porto tem sentido nos últimos anos”, por um lado, e também de revelar o que há de ibérico, e de universal, em produções de países como a França, a Itália, a Inglaterra e mesmo o Canadá.

São explicações de Mário

Moutinho, director do FITEI, na apresentação do próximo festival, realizada ontem no Teatro Nacional São João (TNSJ). E a escolha deste palco não foi ao acaso: “Sem a parceria com o TNSJ - justificou Moutinho - o FITEI não poderia ser realizado, no Porto, com a dimensão que vai ter”.

O festival abre oficialmente na noite de 28 de Maio, no próprio TNSJ, ao ritmo do imaginário basco, com o espectáculo de teatro e de dança *Hnuy Illa*, uma parceria das companhias Kukay e Tanttaka.

O Último Acto (chama-se mesmo assim o alinhamento final) vai voltar a Matosinhos, ao exterior e interior do Teatro Constantino Nery, com os espectáculos

Underground (Motionhouse Dance Theater, Reino Unido), *Emigranti* (Faber Teater, Itália) e *Amanay, Estado de Fragilidad* (Alkimia, Espanha). Assinalem-se também três estreias absolutas: *Utópolis*, criação do Teatro Frio; *Filho da Europa*, a partir de Peter Handke, encenação de João Garcia Miguel; e *Fim de Partida*, de Beckett, encenação de Julio Castronuovo.

O NEC - Núcleo de Experimentação Coreográfica foi convidado a fazer algo novo para o FITEI: vai apostar no projecto *Viver a Rua*, uma ideia do britânico Joshua Sofaer, e que propõe dar o nome de uma rua do Porto a um cidadão (até aí) anónimo. A Câmara aceitou o desafio.